

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Em política, a ordem dos fatores...

Lula está convencido de que sua melhor alternativa para a supervisão de uma política de base rumo a 2026 é, primeiramente, conquistar uma parcela expressiva da população e, depois, reaglutinar apoios políticos. Se não se mostrar visualmente viável, a tendência é a turma buscar outros caminhos. Aliás, a base começou a minguar depois que a popularidade caiu.

... altera o produto

Os partidos de centro, por exemplo, só ficarão mais próximos a Lula se sentirem firmes na reeleição. Até aqui, a ordem é manter o ensaio de movimentos longe do PT. A conclusão dos parlamentares é que o governo pode até conseguir pacificar a questão do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF), que foi parar no Supremo Tribunal Federal (STF). Porém, a relação seguirá tensa e só se pacificará se a popularidade subir.

Movimentos coordenados

Pouco antes de a Câmara aprovar a urgência da proposta que fixa critérios para concessão de benefícios tributários e financeiros essa semana, o secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Dario Durigan, esteve no Congresso para começar uma conversa sobre os cortes de 10% dos subsídios a todos os setores. O governo deverá enviar seu projeto em breve, para tramitação conjunta com o projeto do deputado Mauro Benevides Filho (PDT-CE), que trata desse tema.

Falta de comunicação

A base do governo na Câmara dos Deputados tem reclamado de “falta de comunicação” com o Planalto. O caso do veto presidencial ao Benefício de Prestação Continuada (BPC) é um exemplo. Muitos governantes não sabiam que o governo havia vetado o item, a ser derrubado no Congresso Nacional mediante acordo. Muitos foram para os microfones, criticar o governo nesse quesito, criticar o governo sem saber que havia acordo para a derrubada.

Foi ele!

Nesse curto-circuito, muitos dizem que é difícil a conversa com a Casa Civil, leia-se o ministro Rui Costa, que custa a receber até os amigos do seu partido.

“Ponte” para o futuro

Em Lisboa, almoço que homenageou e colocou sentados à mesa em frente ao presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Motta (Republicanos-PB), e o ex-presidente Michel Temer, comandante de honra do MDB, foi lido por muitos como mais um passo do ensaio de uma possível federação entre os dois partidos. Por lá passaram ainda o presidente do MDB, Baleia Rossi, e do Republicanos, Marcos Pereira, ambos deputados por São Paulo, além de quase 500 pessoas, entre políticos, empresários e membros do mundo jurídico.

» » »

A federação entre as duas legendas é



uma das grandes apostas do MDB para encorpar sua bancada rumo a 2026, como forma de unir forças para ampliar o espaço na Câmara: “O MDB é um centro estendido, estamos resolvendo as questões regionais, mas as conversas estão avançando”, afirmou o deputado Hildo Rocha, vice-líder do partido na Câmara. Ele é muito claro quando questionado sobre a indicação de um vice-emedebista para a chapa do presidente Luiz Inácio Lula da Silva à reeleição: “Não temos intenção de indicar um vice do MDB para Lula. Além disso, o vice-presidente Geraldo Alckmin tem feito um bom trabalho”, contornou Rocha. O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), que não foi almoço em Lisboa, é, hoje, a maior aposta

CURTIDAS

Os olhos de Motta/ Enquanto o presidente da Câmara, Hugo Motta, está em Lisboa, sua assessoria mantém total atenção às entrevistas concedidas por governo e oposição no Salão Verde. A ordem é não perder um lance e informar diretamente ao chefe.

Arquivo pessoal



Por falar em Lisboa.../ No almoço em Portugal, um dos anfitriões, o ex-deputado Fábio Ramalho, fez questão de posar ao lado dos homenageados, Hugo Motta e Michel Temer, e do ministro das Cidades, Jader Filho.

Ainda não/ O senador Cleitinho (Republicanos-MG), um dos favoritos, de acordo com pesquisas eleitorais, na disputa do governo de Minas Gerais, disse à coluna que só no ano que vem é que decidirá sobre uma candidatura. “Ainda há muita coisa a ser resolvida no Senado para se pensar nas eleições de 2026”.

Constrangimento/ Durante a sessão solene em homenagem aos 77 anos da Nakba, a catástrofe palestina, um participante ficou gritando no Plenário “Viva ao Hamas”, o que deu “munição” de crítica para a oposição e muita gente deu razão.

Deixe para depois/ Com a pauta do Senado abarrotada de projetos e medidas provisórias, o presidente da Casa, Davi Alcolumbre (União-AP), adiou o balanço que havia prometido a alguns senadores para essa quarta-feira.

CONGRESSO

Marina não abaixa a cabeça

Ministra participou de audiência na Câmara e sofreu ofensas de parlamentar. Ao se defender, citou trecho bíblico

» WAL LIMA

AFF



A ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima, Marina Silva, foi alvo de novos ataques no Congresso Nacional. Diferentemente da agressão verbal sofrida no Senado, a chefe da pasta, contudo, foi defendida por parte dos parlamentares da Casa.

Os deputados debatiam sobre queimadas e desmatamentos. Marina foi chamada para prestar esclarecimentos e apontar as políticas públicas do governo federal para enfrentar o problema. Durante a inquirição, o deputado Evair de Melo (PP-ES), da banca ruralista e autor do requerimento de convocação, chegou a compará-la com grupos armados, como as Farc da Colômbia e o Hamas, na Faixa de Gaza.

Marina rebateu e citou trechos bíblicos. “Hoje de manhã, eu fiz uma longa oração e pedi a Deus para me dar calma. Acho que Deus me ouviu, porque eu estou em paz”, disse. “É preferível sofrer injustiça do que praticar uma injustiça. E eu prefiro sofrer injustiças do que praticá-las, porque quando você é injustiçado, a justiça virá”, completou.

A chefe da pasta também citou os desafios do ministério durante sua gestão. “Qualquer pessoa que não seja negacionista sabe que a seca com baixa precipitação, temperatura alta, perda de umidade, potencializa os incêndios, potencializa em todos os níveis”, disse.

Após os insultos no colegiado, a ministra do Meio Ambiente participou de uma coletiva de imprensa na Câmara. Ela disse que o comportamento não é novo e que “o desrespeito às vezes é a única coisa que as pessoas que não conhecem o respeito são capazes de oferecer”, observou. “Todos nós que não defendemos a agenda autoritária,

negacionista, que não reconhece a mudança do clima, somos desrespeitados”, afirmou.

Essa não é a primeira situação em que Marina é atacada verbalmente por parlamentares da oposição. Em maio, ela abandonou uma audiência na Comissão de Infraestrutura do Senado após o senador Plínio Valério (PSDB-AM) dizer que ela “não merecia respeito” e que ela a ministra olhe para ele. Por exemplo, quando um parlamentar para de fazer sua fala até que a ministra olhe para ele. Porque ele precisa ter ela olhando, era como se não estivesse ouvindo”,

Defesa da ministra

O deputado federal Túlio Gadelha (Rede-PE) disse que a

audiência na Comissão de Agricultura deu “privilégios” para os políticos da oposição, pois eles teriam tido a oportunidade de questionar mesmo sem estarem inscritos na lista, diferentemente de parlamentares mulheres que tiveram seus microfones cortados.

Ele citou a deputada Juliana Cardoso (PT-SP) que, durante sua fala, teve 30 segundos adicionais negados pelo presidente do colegiado. “São falas que são perceptíveis o tom de machismo, e misoginia. Por exemplo, quando um parlamentar para de fazer sua fala até que a ministra olhe para ele. Porque ele precisa ter ela olhando, era como se não estivesse ouvindo”,

disse o Gadelha ao **Correio**.

A deputada Sâmia Bomfim (PSol-RJ) também prestou apoio. “Mais uma vez a ministra voltou ao Congresso e foi corvamente atacada pela horda do ‘agrogolpismo’, e respondeu com alvete. Nós vamos seguir a luta, e os crimes do agronegócio, defendendo o meio ambiente, os povos originários e movimentos sociais, e pautando a necessidade de que o Brasil seja exemplo no combate ao colapso climático e na garantia de justiça socioambiental”, ressaltou.

A deputada Maria do Rosário (PT-RS) classificou o episódio como “vergonhoso”. “Parece que a



É preferível
sofrer injustiça
do que praticar
uma injustiça.
E eu prefiro
sofrer injustiças
do que praticá-las,
porque
quando você é
injustiçado, a
justiça virá”

Marina Silva, ministra
do Meio Ambiente

Presidência da Câmara não está atenta à necessidade de, inclusive, cobrar dos presidentes de comissões. O presidente dessa comissão (de Agricultura) não agiu bem, não coordenou devidamente os trabalhos, não cumpriu o regimento. Esse desrespeito tem que acabar aqui dentro. Eles contaminam o debate político e técnico porque não estudam as matérias e não se preparam para um debate democrático e vêm exclusivamente para o ataque pessoal e o desrespeito”, declarou.

Mais ataques

Enquanto respondia aos questionamentos dos deputados Zé

Trovão (PL-SC) e Capitão Alberto Neto (PL-AM), Marina Silva foi interrompida diversas vezes ao falar sobre os avanços na redução do desmatamento na Amazônia. Ela acusou os parlamentares de machismo. “Quando um homem ergue a voz, ele está sendo incisivo. Quando uma mulher fala com firmeza, dizem que é show”, rebateu a ministra.

Marina divergiu das afirmações dos parlamentares de que houve um aumento explosivo no desmatamento durante a gestão dela no Ministério do Meio Ambiente e destacou o papel das mudanças climáticas no aumento de incêndios florestais no país. Quanto ao combate às queimadas, afirmou que o Fundo Amazônia já destinou recursos para os estados fortalecerem os corpos de bombeiros, e que do montante foram cerca de R\$ 825 milhões para o Ibama, além do aumento de mais de 4 mil brigadistas.

O Capitão Alberto Neto acusou o secretário-executivo do ministério do Meio Ambiente, João Paulo Capobianco, de envolvimento com interesses privados em concessões ambientais. Apesar de o parlamentar ter dito que não atacaria Marina pessoalmente, ele se referiu à ela como “uma vergonha” e criticou sua atuação com declarações como “a senhora não tem nada a falar de verdades”.

Após a reunião, Rodolfo Nogueira (PL-MS) afirmou por meio de vídeo disponibilizado pela assessoria, que ficou “insatisfeito” com os esclarecimentos da ministra que “direcionou a culpa dos focos dos incêndios em São Pedro e no clima”. “Ela deixa a comissão devendo respostas e sem esclarecimentos sobre a perseguição em cima dos produtores rurais, que resultou no aumento do preço dos alimentos”, disse.